

CLIMA E GÊNERO: COMO AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS TÊM IMPACTADO SOCIOECONOMICAMENTE AS MULHERES PESCADORAS DA AMAZÔNIA

Suane do Nascimento Saraiva¹

Milena Sanche de Sousa²

Rayla de Lima Tavares³

RESUMO

As mudanças climáticas são um dos principais desafios a serem enfrentados no século XXI. Isso se dá porque essas alterações impactam a vida das populações tradicionais na Amazônia, como, por exemplo, das mulheres pescadoras artesanais. Dessa maneira, o objetivo deste trabalho é evidenciar os impactos econômicos e sociais das mudanças climáticas na vida das pescadoras artesanais de Ipixuna-AM, município localizado a sudoeste do Amazonas. A pesquisa é de abordagem qualitativa, fundamentada no método dialético, bem como, desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico, pesquisa documental e trabalho de campo realizado no município de Ipixuna-AM, recorte espacial da pesquisa. Essas metodologias possibilitaram evidenciar as construções das territorialidades, identidades e as estratégias de resistência das mulheres pescadoras ipixunenses frente às mudanças climáticas. Assim, a pesquisa revela que as mudanças climáticas e eventos extremos têm impactado a relação das mulheres pescadoras com os territórios de pesca, bem como trazem desafios que afetam diretamente a sua maneira de viver, sua independência e seu bem-estar.

Palavras-chave: Mulheres pescadoras, Mudanças Climáticas, Ipixuna-AM.

RESUMEN

El cambio climático es uno de los principales retos a los que nos enfrentamos en el siglo XXI. Esto se debe a que estos cambios afectan a la vida de las poblaciones tradicionales de la Amazonía, como, por ejemplo, a las mujeres pescadoras artesanales. Por lo tanto, el objetivo de este trabajo es poner de manifiesto los impactos económicos y sociales del cambio climático en la vida de las pescadoras artesanales de Ipixuna (Amazonas), municipio situado al suroeste de la Amazonía. La investigación tiene un enfoque cualitativo, basado en el método dialéctico, y se ha desarrollado mediante una revisión bibliográfica, una investigación documental y un trabajo de campo realizado en el municipio de Ipixuna (Amazonas), que constituye el ámbito espacial de la investigación. Estas metodologías permitieron evidenciar las construcciones de territorialidades, identidades y estrategias de resistencia de las

¹ Universidade Federal de Rondônia. E-mail: suanesaraivageo@gmail.com.

² Universidade Federal de Rondônia. E-mail: milenasan.sousa@gmail.com.

³ Universidade Federal de Rondônia. E-mail: detavaresrila@gmail.com.

pescadoras de Ipixuna frente al cambio climático. Así, la investigación revela que el cambio climático y los fenómenos extremos han impactado la relación de las pescadoras con los territorios pesqueros, además de traer desafíos que afectan directamente su forma de vida, su independencia y su bienestar.

Palabras-clave: Mujeres pescadoras, Cambio climático, Ipixuna–AM.

INTRODUÇÃO

As alterações climáticas representam um dos principais desafios a serem enfrentados no século XXI. Esses impactos vão além das fronteiras físicas e sociais. A Amazônia é um exemplo disso. Por ser um ecossistema de importância mundial, os impactos dessas mudanças aparecem nas modificações das dinâmicas dos regimes hídricos, com as variações nas sazonalidades de cheia e seca, no aumento de eventos extremos, além de alterações na distribuição e quantidade de recursos pesqueiros nos pontos de pesca.

Nesse cenário, as comunidades pesqueiras tradicionais da Amazônia estão no meio dessas transformações, pois sua sobrevivência e modo de vida estão ligados intensamente à natureza. Dentro dessas comunidades, as mulheres pescadoras estão sendo especialmente impactadas, visto que seus espaços de vida, conhecimentos, relações sociais e suas territorialidades estão sendo diretamente atingidos por essas mudanças.

Segundo Andrade e Saraiva (2024), os ribeirinhos são pessoas que dependem das terras, das florestas e das águas para viver. Esses recursos são essenciais para o trabalho diário dos ribeirinhos e representam a base da vida e da existência dessas comunidades, especialmente a pesca artesanal, a qual é a principal fonte de subsistência das populações pesqueiras ribeirinhas amazônicas.

Na perspectiva da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), cerca de uma em cada doze pessoas no mundo depende, pelo menos parcialmente, da pesca artesanal para sobreviver. Dessas pessoas, quase metade são mulheres.

Desse modo, o objetivo deste trabalho é evidenciar os impactos econômicos e sociais das mudanças climáticas na vida das pescadoras artesanais de Ipixuna–AM, município localizado a sudoeste do Amazonas.

Nesse sentido, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e fundamenta-se no método dialético. Ela foi desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico, pesquisa documental e trabalho de campo realizado no município de Ipixuna–AM, o recorte espacial da pesquisa. Com o intuito de evidenciar como as mulheres pescadoras ipixunenses constroem suas territorialidades, identidades e suas estratégias de resistência às mudanças climáticas.

Assim, as mulheres pescadoras artesanais foram impactadas direta e indiretamente pelas mudanças climáticas, resultado de políticas econômicas expropriadoras, colonizadoras, capitalistas e patriarcais estabelecidas na Amazônia. Portanto, é necessário compreender que o corpo das mulheres é o primeiro a ser atingido por essas relações de poder e suas territorialidades. Elas se formam no uso e cuidado de rios, lagos, igarapés e florestas. Nelas, elas realizam atividades como pescarias e consertam os apetrechos de pesca, os quais são afetados de forma violenta e contraditória.

Essa relação com o ambiente influencia suas identidades, seus trabalhos e suas formas de sobrevivência. No entanto, as mudanças climáticas se mostraram uma ameaça a essa relação, alterando os espaços de pesca, as paisagens e os recursos disponíveis, bem como se apresentam desafios que acrescem às vulnerabilidades de gênero, sociais e econômicas enfrentadas pelas pescadoras.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, baseada no método dialético. Optamos por esse método para entender como esse fenômeno dinâmico, que se movimenta e é contraditório, impacta a vida das mulheres e quais efeitos ele tem nas comunidades de pescadores. A metodologia da pesquisa foi realizada com os seguintes procedimentos: levantamento bibliográfico e pesquisa documental, em livros, capítulos de livros, artigos e leis, evidenciando como esta questão vem sendo discutida em outras localidades e áreas do conhecimento.

Os dados utilizados neste estudo são de ordem primária e secundária. Os dados secundários foram levantados no Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPPC), na plataforma de dados abertos da Agência Nacional de Água e Saneamento Básico (ANA), no Banco de Dados Meteorológicos do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) e nos livros, artigos e relatórios, por meio do levantamento bibliográfico. Os dados de ordem primária foram levantados por meio de trabalho de campo.

Para Silva e Mendes (2013), a pesquisa de campo é uma etapa importante em qualquer tipo de investigação, especialmente na geografia e nos estudos rurais. É nesse momento que o pesquisador consegue entender melhor os fenômenos que ocorrem no mundo real e também ter contato direto com as pessoas ou objetos envolvidos.

Nessa perspectiva, o trabalho de campo foi realizado nas comunidades de pescadores e pescadoras em Ipixuna-AM, município localizado à margem esquerda do rio Juruá, o qual pertence à mesorregião do Sudoeste Amazonense, na Amazônia brasileira (figura 1).

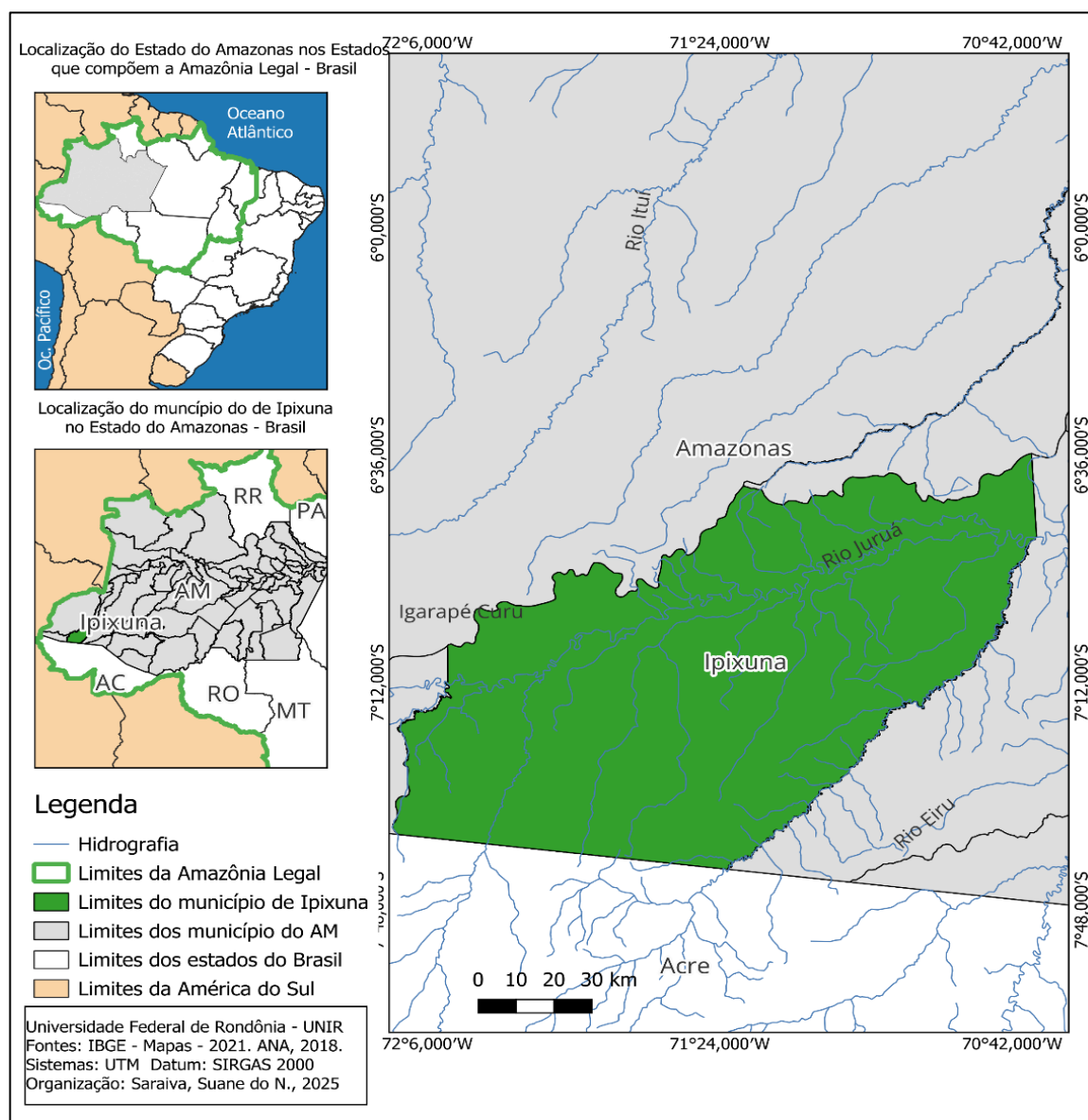


Figura 1: Mapa de localização do município de Ipixuna-AM. Fonte: Saraiva, Suane do N., 2025.

Ipixuna, como mostrado na figura 1, é município limítrofe com Guajará (O), Atalaia do Norte (NO), Benjamin Constant (N) e Eirunepé (L) no Amazonas; no Acre, é limítrofe com Cruzeiro do Sul e Tarauacá (S). Dessa maneira, o trabalho de campo foi realizado em Ipixuna, no período de janeiro a março de 2025, em que foram entrevistadas 7 mulheres associadas à Colônia de Pescadores e Pescadoras Z-41.

Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com mulheres que se identificam como pescadoras, associadas à Colônia Z-41. De acordo com Marconi e Lakatos

(2002), as entrevistas semiestruturadas permitem que os entrevistados tenham liberdade para falar sobre cada situação do jeito que acharem melhor. Isso contribui para que ele explore mais profundamente o assunto. Normalmente, as perguntas são abertas e podem ser respondidas informalmente, como numa conversa tranquila. Essas entrevistas foram individuais e abordaram questões sobre a participação feminina na pesca artesanal, bem como os efeitos dessas mudanças climáticas nas atividades pesqueiras e o impacto na renda das mulheres. E sobre a divisão de tarefas e os papéis de gênero nesse contexto de transformações ambientais.

CONTEXTOS ATUAIS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

As mudanças climáticas estão atingindo todo o globo, impactando a vida de milhares de pessoas, seja com os desastres climáticos ou aumento da temperatura. Nessa perspectiva, as mudanças climáticas podem colocar em risco o equilíbrio do planeta e as comunidades que vivem nele. Mesmo que ainda não saibamos exatamente o tamanho de todos esses efeitos, é fundamental que as pessoas se conscientizem sobre isso. Para isso, é importante promover discussões sérias, abertas e bem elaboradas sobre o assunto (Bessat, 2003).

Porém, primeiro, é imprescindível entender que as mudanças climáticas acontecem em diferentes níveis de tempo. Algumas acontecem ao longo de milhares ou milhões de anos, em uma escala geológica. Outras, por outro lado, acontecem em um período mais curto, como anos, décadas ou alguns séculos. Claro que, para nós, só é possível perceber as que acontecem em um tempo mais próximo, ou seja, na escala da nossa vida e da nossa história recente (Teodoro; Amorim, 2008).

Dessa maneira, as mudanças climáticas são alterações nos padrões do clima ao longo prazo, podendo ser em diferentes níveis de tempo. Podem ser causadas por atos naturais ou humanos, nas quais as ações antrópicas intensificam as mudanças naturais do clima, fazendo com que esse processo seja acelerado, impactando a vida de milhares de pessoas.

Devemos levar em consideração que o clima é um sistema bastante complexo. Ele funciona por meio de várias interações entre diferentes partes do nosso planeta, como a atmosfera, os oceanos, as águas do planeta, as geleiras e a própria vida que existe na Terra (Bessat, 2003).

Segundo Teodoro e Amorim (2008), devido à constante mudança do clima e às atividades humanas, que também variam bastante ao longo do tempo, fica complexo fazer comparações precisas de dados de longas séries. Isso porque cada período tem suas características espaciais próprias. Por isso, não é possível fazer previsões confiáveis sobre as

mudanças climáticas, pois só podemos fazer essas comparações quando utilizamos dados de áreas e períodos semelhantes. Além disso, as médias dos dados muitas vezes escondem a realidade, pois não levam em conta as particularidades de cada lugar.

Já em 2009, as mudanças climáticas já eram dadas como inequívocas. Para Vale Alves e Lorini (2009), a verdade é que as mudanças climáticas que o planeta enfrenta são evidentes, e não há dúvidas de que a ação humana tem um papel importante nesse cenário.

Nessa perspectiva, as causas e os efeitos das ações humanas sobre o clima e o meio ambiente são bastante complexos e acontecem de várias maneiras no nosso dia a dia. Isso pode variar dependendo de onde a pessoa vive, se numa grande cidade ou numa área rural, além de fatores como idade, tipo de comida que consome e a energia que utiliza ou produz. Também há diferenças relacionadas à classe social, se é rica ou pobre, já que essas questões podem afetar direitos civis, destruir recursos essenciais, prejudicar o desenvolvimento e até provocar migrações (Silva, 2015).

De acordo com o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas – IPCC, publicado em 2023, as alterações do clima provocadas pela humanidade estão causando diversos eventos extremos de tempo em todas as regiões do mundo. Esses fenômenos têm trazido impactos negativos para a natureza e para as pessoas, resultando em perdas e prejuízos. As comunidades mais vulneráveis, que contribuíram pouco para essa mudança, acabam sendo as mais afetadas de maneira desproporcional.

Cerca de 3,3 a 3,6 bilhões de pessoas vivem em situações muito vulneráveis às mudanças do clima. A vulnerabilidade das pessoas e dos ecossistemas está conectada, ou seja, uma afeta a outra. Lugares e comunidades com mais dificuldades de desenvolvimento são mais expostos às ameaças causadas pelo clima. Com o aumento de eventos climáticos extremos, muitas pessoas têm enfrentado insegurança alimentar grave e problemas no acesso à água potável. Os impactos mais severos acontecem em regiões como África, Ásia, América Central e do Sul, além de pequenos países insulares, áreas do Ártico, povos indígenas, pequenos agricultores e famílias de baixa renda ao redor do mundo. Entre 2010 e 2020, a taxa de mortes por enchentes, secas e tempestades foi 15 vezes maior nessas regiões muito vulneráveis do que em lugares com menor risco (IPPC, 2023).

Entre essas populações em vulnerabilidade estão as pescadoras artesanais amazônicas, que vivem da pesca artesanal. Sendo que essa atividade, segundo Cruz (2019), é marcada pelo uso de embarcações, que podem ser motorizadas ou não. Essa atividade é realizada pelos pescadores e pescadoras com equipamentos e redes feitos de náilon, próprios para a pesca. Geralmente, ela é feita principalmente por meio do trabalho da própria família, usando barcos

pequenos ou médios, como canoas, voadeiras, rabetas e lancha. O tamanho desses barcos e quanto eles podem armazenar a quantidade de peixe que eles conseguem pegar são fatores importantes para definir se a embarcação é pequena ou média. Além disso, o material de que são feitos também ajuda a distinguir um tipo de embarcação do outro.

O autor ainda discorre sobre o registro dos pescadores e pescadoras artesanais da Amazônia brasileira que atuam profissionalmente e, para se caracterizarem como tal, devem estar registrados nesta categoria. Os pescadores e pescadoras artesanais da Amazônia são as pessoas que exercem a atividade de pesca tradicionalmente na região. Eles e elas capturam diferentes tipos de peixes e outras espécies aquáticas em ambientes como rios, mares, lagos, igarapés, lagoas e cachoeiras. Quando a pesca é sua fonte de renda principal ou o trabalho que lhes garante dinheiro, esses pescadores e pescadoras são considerados profissionais. Nesse caso, eles podem se filiar a uma Colônia de Pescadores e Pescadoras; basta apresentar documentos que comprovem que trabalham como pescador (Cruz, 2019).

Desse modo, as mudanças climáticas estão impactando essas práticas tradicionais, bem como dificultando a socioeconomia de diversas famílias da Amazônia brasileira. Neste sentido, as mulheres são as principais impactadas, visto que são elas que realizam os trabalhos de cuidado, que fazem o trabalho de gestão da água e estão expostas às intempéries. Um exemplo são as mulheres pescadoras artesanais, que trabalham com a pesca e estão sendo impactadas diretamente pelo baixo índice de chuva e vazão dos rios.

AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO SUDOESTE DA AMAZÔNIA AMAZONENSE

Na faixa de maior diversidade biológica do mundo, que permitiu o desenvolvimento do ser humano, a Amazônia se destaca por manter suas florestas contínuas, além de possuir uma das principais redes de rios do planeta. Ela também apresenta variações sutis nos seus ecossistemas, dependendo da região e da altitude, o que torna tudo ainda mais cativante (Ab'Sáber, 2003).

Neste sentido, a floresta amazônica é uma fonte enorme de riqueza, com sua biodiversidade, conhecimentos tradicionais que passam de geração em geração e sua abundância de água. Esses fatores são essenciais nas lutas dos movimentos sociais, que atuam em diferentes níveis e regiões. Assim, a relação entre a Amazônia, seus povos e o mundo se fortalecem significativamente quando esses elementos, os ciclos de água, o seu papel na manutenção do clima, a diversidade de espécies e a produtividade natural da floresta, permanecem vivos com o conhecimento dos diversos povos, etnias, nacionalidades e grupos

sociais que vivem na região e muitas vezes estão em situação de subordinados (Porto Gonçalves, 2018).

Dessa maneira, a Amazônia e toda a sua riqueza estão sendo afetadas pelas mudanças climáticas. No sudoeste amazonense, as transformações climáticas implicam na vida das populações tradicionais e originárias, afetando o regime de cheia e seca dos rios e a socioeconomia dos povos que dependem principalmente da pesca e da agricultura familiar, como o município de Ipixuna-AM.

O rio Juruá, nascido no Peru, como mostrado no mapa, é o principal curso d'água do município de Ipixuna. Conforme Quevedo *et al.* (2025), a Bacia do Rio Juruá fica na região oeste da Amazônia, abrangendo cerca de 220 mil quilômetros quadrados. A maior parte dessa área, aproximadamente 93,5%, está no Brasil, enquanto os outros 6,5% ficam no Peru. O rio Juruá flui do Acre e segue até o estado do Amazonas, onde deságua no Rio Solimões. Ele percorre cerca de 3.283 quilômetros, fluindo na direção sudeste para noroeste, conforme mostrado na figura 2.

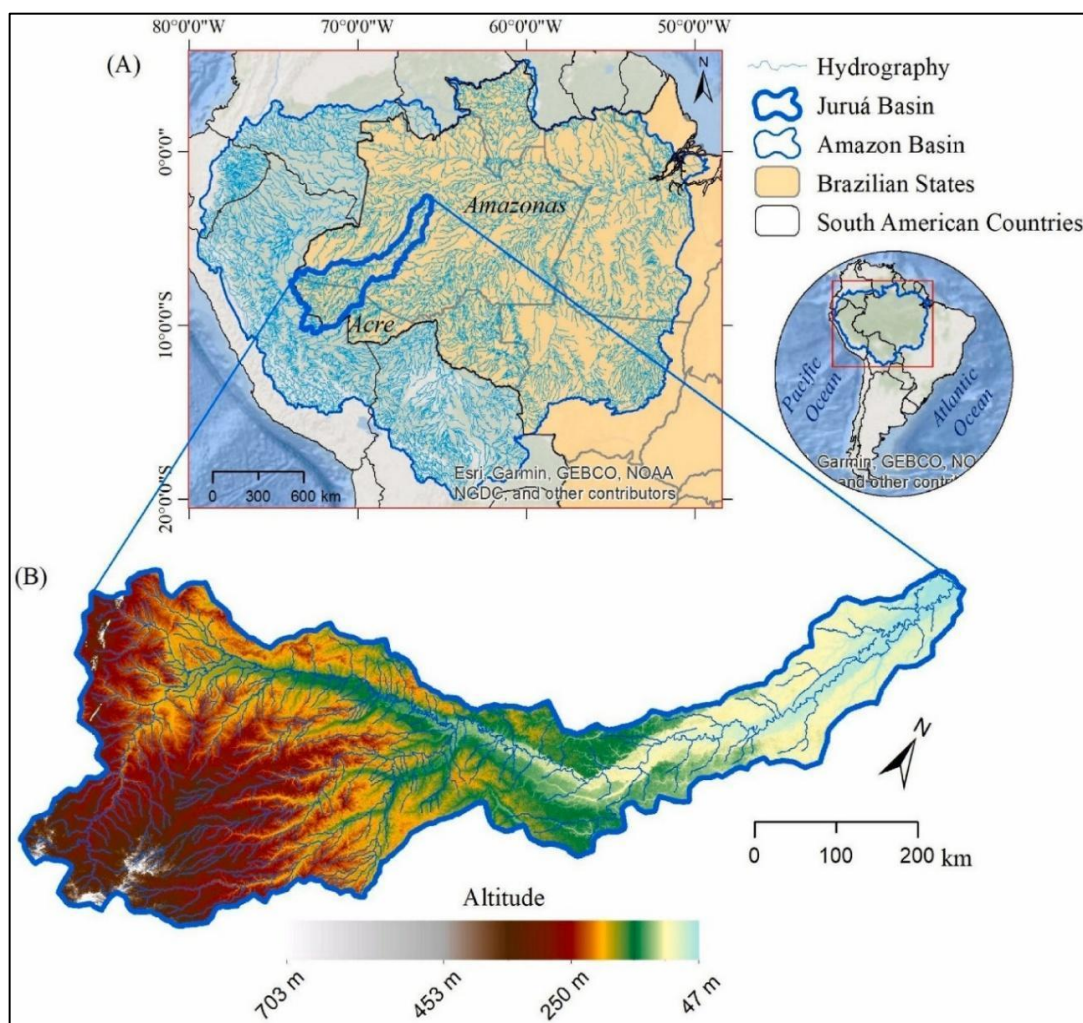
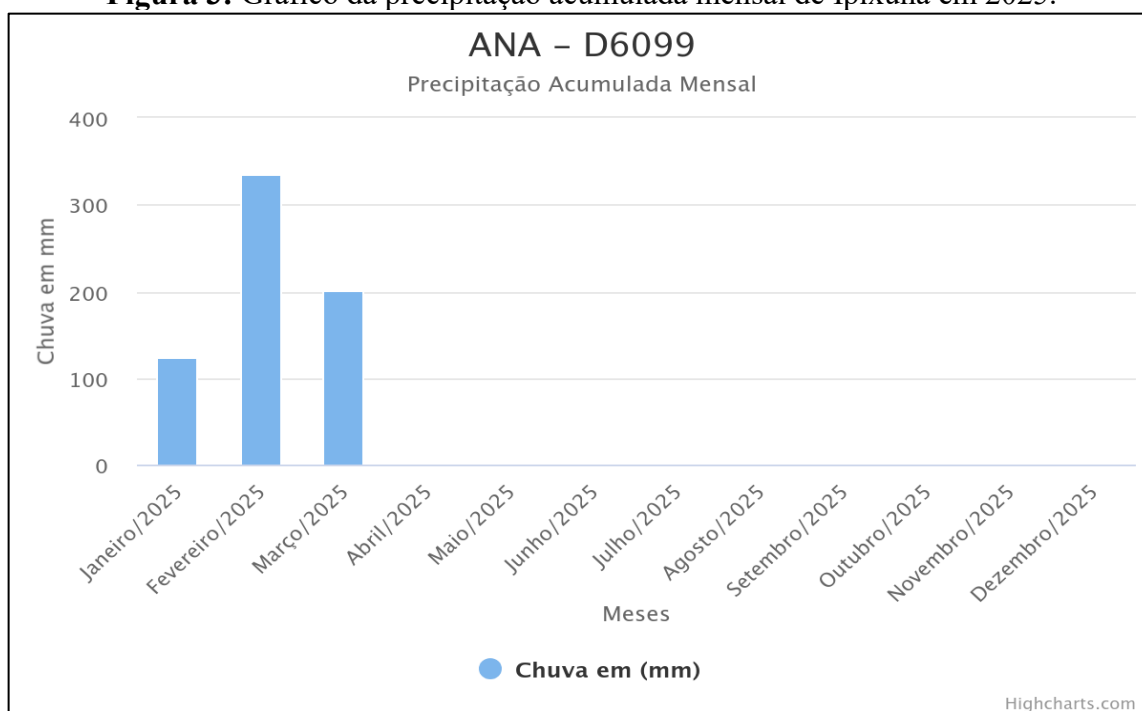


Figura 2: Mapa da Bacia Hidrográfica do Rio Juruá. Fonte: Quevedo et al., 2025.

Segundo a figura 2 elaborada por Quevedo *et al.* (2025), a Bacia Rio Juruá está situada na região da Bacia Amazônica, na América do Sul. A maior parte das nascentes fica no Acre, em uma área com cerca de 400 metros de altitude. Já a foz do Rio Juruá, a qual é onde o rio deságua, fica no Amazonas, a aproximadamente 50 metros de altura.

Nesse contexto, o clima da região do rio Juruá e de Ipixuna é equatorial, consoante a classificação de Köppen-Geiger. A cheia do rio Juruá geralmente acontece perto do solstício de verão do hemisfério sul, por volta do dia 21 de dezembro. Nesse período, a Amazônia costuma registrar fortes chuvas convectivas, fazendo com que as águas do rio fiquem altas até o final de abril ou começo de maio (figura 3). Depois disso, o nível das águas começa a diminuir. A partir de 21 de junho, inicia-se o inverno no hemisfério sul, marcado pela estação seca (Andrade; Saraiva, 2024).

Figura 3: Gráfico da precipitação acumulada mensal de Ipixuna em 2025.



Fonte: ANA, 2025.

Entretanto, em janeiro de 2025, no município de Ipixuna, segundo dados da Agência Nacional de Água e Saneamento Básico (ANA), a precipitação acumulada mensal foi de 124,8 milímetros. Em fevereiro do mesmo ano, houve um aumento, chegando a 336 mm, e em março a precipitação voltou a diminuir para 201,8 mm. Desse modo, em 2025, o mês com maior média mensal registrada foi fevereiro.

Diferentemente do ano anterior, em que a seca de janeiro foi considerada grave, a situação começou a mudar somente em abril de 2024, quando houve um recuo da seca severa.

Além disso, conforme destacado na figura 4, o período de estiagem em 2024 foi severo em Ipixuna, deixando o rio Juruá não navegável, impactando o comércio, a agricultura familiar e os pescadores do município.

Nessa perspectiva, essas oscilações da precipitação e no nível do rio Juruá são causadas pelas mudanças climáticas, estiagem e cheia intensa. Conforme aponta Quevedo *et al.* (2025), a região da Amazônia Ocidental vem passando por eventos mais intensos, e a tendência é que esses episódios se tornem ainda mais frequentes no futuro. Uma das áreas mais afetadas é a Bacia do Rio Juruá, que cobre partes do Acre e do Amazonas. Nesta bacia, há um histórico de chuvas torrenciais que acabam provocando inundações frequentes. Nos últimos 40 anos, essa região tem visto um aumento na quantidade de eventos extremos de enchentes, especialmente entre 2013 e 2015, além de 2021.

Portanto, essas oscilações prejudicam as comunidades originárias e tradicionais, especialmente as mulheres pescadoras da Amazônia ipixunense, que dependem da pesca como principal fonte de renda e estão sendo impactadas socioeconomicamente pela seca extrema dos últimos anos, resultante das alterações climáticas.

MULHERES PESCADORAS ARTESANAIS E OS IMPACTOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Os resultados evidenciaram que as mulheres pescadoras de Ipixuna-AM percebem os impactos das mudanças no clima, na rotina diária e na relação com o território. Além disso, as pescadoras também percebem a diminuição de trabalho nas atividades de concertos das redes de pesca.

Com isso, um dos impactos mencionados pelas pescadoras é a alteração dos ciclos de cheia e seca. Quando há secas prolongadas, os rios ficam baixos, dificultando o acesso a certos pontos de pesca, além de fazer com que os peixes fiquem mais retidos em determinados espaços aquáticos, aumentando o risco de pesca predatória. Por outro lado, as cheias extremas alagam as casas e áreas de trabalho, expulsando famílias e dificultando a pesca nos locais de sempre.

Nesse contexto, ao longo dos últimos anos, diferentes comunidades tradicionais têm observado mudanças importantes no meio ambiente e no clima. Essas mudanças têm impactado suas atividades econômicas e formas de sobreviver. A maior parte dessas alterações acontece devido às mudanças climáticas, entendidas como variações naturais de longo prazo nos padrões do clima ao nosso redor (Martins; Taddei; Ramalho, 2023).

Entretanto, o que ocorre naturalmente é potencializado pelas ações antrópicas dos seres humanos no meio ambiente, em que veem a natureza somente como recurso a ser utilizado. Assim, as populações tradicionais estão sendo cada vez mais impactadas, como, por exemplo, as mulheres pescadoras de Ipixuna-AM.

Nos últimos anos, o rio Juruá tem passado por frequentes mudanças no seu regime de cheia e vazante. Isso dificulta a vida das famílias que vivem às suas margens, especialmente as comunidades ribeirinhas. Um exemplo dessa situação foi a seca histórica que atingiu toda a bacia do rio Amazonas em 2023. Além disso, em 2024, a estiagem foi semelhante à de 2023, o que pode causar prejuízos na agricultura, na navegação, na pesca e na renda dessas pessoas (Andrade; Saraiva, 2024).

As pescadoras apontam os impactos da seca de 2024: “no ano passado, a gente não conseguiu pescar quase nada. Até pescar para consumo próprio era ruim, no ano passado, era. Porque não tinha como a gente pescar. Não tinha como a gente ir para os igarapés pegar peixe” (Pescadora 1, 2025). Nesse sentido, por conta da seca, o acesso aos pontos de pesca era árduo, por isso as pescadoras não conseguiam pescar.

Outras pescadoras também destacaram a complexidade da captura dos peixes para venda e subsistência, ressaltando que o pescado é fundamental para garantir a segurança alimentar de diversas famílias em Ipixuna-AM, principalmente nas comunidades ribeirinhas que ficam distantes da cidade.

No início de 2025, as pescadoras sentiram mudanças no seu trabalho em relação ao ano anterior:

E o pior de tudo foi esse ano. Esse ano, a gente viu o peixe morrendo, afogado, com falta de oxigênio. Chegamos a matar peixe de tiro, assim, na beira do igarapé. Porque eles saíram da água, porque não tinham como respirar. E não tem como a gente pegá-los porque tem pau demais no igarapé. E se tem peixe, mas a gente não tem como trazer porque não tem gelo. Devido à seca ser grande demais. Vínhamos por dentro da água. Está aqui, ó... minhas pernas, esse corte aqui, isso aqui é consequência desse ano. Eu estive na lama, puxando a canoa para ir para casa (Pescadora 4, 2025).

Dessa maneira, a fala da pescadora artesanal explica como a vulnerabilidade às mudanças climáticas resulta em perdas econômicas e na interrupção das práticas tradicionais, extrativistas e de subsistência. Além disso, destaca as dificuldades enfrentadas na navegação durante o período de seca do rio Juruá. As mudanças ambientais impactam a segurança e a saúde das mulheres pescadoras, pois, devido à vazante do rio e à difícil navegação, elas precisam entrar na água e na lama, o que as expõe a perigos, incluindo a exposição ao sol, que também representa um problema.

A pescadora também argumenta que, em 2025, precipitou pouco e, com isso, “[...] o peixe não chegou até os locais, esse ano foi bem escasso. Aí atinge porque, de certa forma, vem menos manga para remendar (consertar). Vem menos manga (rede de pesca), vem menos alimento na mesa” (Pescadora 5, 2025). As variações extremas de cheia e vazante impactaram as pescadoras artesãs de Ipixuna-AM, que trabalham no conserto das redes de pesca. Devido à escassez de peixe, os pescadores e pescadoras não utilizaram as redes, reduzindo a necessidade do trabalho das artesãs pescadoras, diminuindo a renda dessas profissionais e a segurança alimentar de suas famílias. Assim, conforme as autoras Nusdeo e Silva (2023), com as mudanças climáticas, os diversos direitos humanos, protegidos por leis nacionais e internacionais, acabam sendo violados. Por exemplo, entre esses direitos estão o direito à vida, à alimentação, à água, à moradia e à saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres pescadoras de Ipixuna-AM, na Amazônia brasileira, enfrentam e resistem às mudanças ambientais. Essas mudanças climáticas e eventos extremos têm modificado sua relação com os territórios de pesca, bem como trazem desafios que afetam diretamente a sua maneira de viver, sua independência e seu bem-estar. A alteração nos rios e a dificuldade de acesso aos recursos fazem com que elas estejam sempre lutando para preservar seus ambientes de vida e trabalho.

Nessa perspectiva, a pesquisa evidenciou que as mudanças no clima têm impactado o trabalho das mulheres pescadoras artesanais de Ipixuna. Impactando também sua socioeconomia e gerando desigualdades. Além disso, esses impactos trazem desafios extras, agravando as vulnerabilidades relacionadas ao gênero, às condições sociais e à situação econômica das pescadoras.

Portanto, é essencial que políticas públicas sejam criadas e adaptadas às mudanças climáticas. Considerando as questões de gênero e as características das comunidades pesqueiras tradicionais amazônicas. Assim como apoiar suas estratégias de resistência, reconhecer e proteger suas áreas de atuação, além de incentivar a participação das mulheres e comunidades nas tomadas de decisões. Também é fundamental não só para garantir a subsistência das mulheres envolvidas, mas também buscar preservar o patrimônio social e ambiental da Amazônia.

Ecoar a voz e o conhecimento dessas mulheres pescadoras de Ipixuna–AM, que lutam para manter seus territórios e formas de vida nas águas da localidade, é essencial para construir um futuro com equidade, justiça e sustentabilidade diante das mudanças no clima.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. Ateliê editorial, 2003.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS E SANEAMENTO BÁSICO (ANA). **Monitor de Secas do Brasil**: Mapa. Brasília, DF: ANA. Disponível em: <https://monitordesecas.ana.gov.br/mapa>. Acesso em: 12 out. 2025.

ANDRADE, J. A. L. de; SARAIVA, S. N. As variações excepcionais no regime de cheia e vazante do rio Juruá e suas implicações socioeconômicas nas territorialidades camponesas-ribeirinhas de Ipixuna (AM). In: SILVA, R. G. da C. *et al.* (orgs.). **Territorialidades Amazônicas: Ciência, Sociedade e Ordenamentos Territoriais** - caderno de pesquisas. – Porto Velho: Temática Editora e Edições Amazônia PPGG/UNIR, 2024.

BASURTO, X., GUTIERREZ, NL, Franz, N. *et al.* Iluminando as contribuições multidimensionais da pesca em pequena escala. **Nature** **637**, 875–884 (2025). <https://doi.org/10.1038/s41586-024-08448-z>.

BESSAT, Frédéric. A mudança climática entre ciência, desafios e decisões: olhar geográfico. **Terra Livre**, n. 20, p. 11-26, 2003.

CRUZ, Sávio de Sá Leitão. Território pesqueiro na amazônia brasileira: a importância da pesca artesanal. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. 5, p. 6, 2019.

FAO. **Illuminating the multidimensional contributions of small-scale fisheries** | FAO, Fao.org, disponível em: <<https://www.fao.org/family-farming/detail/en/c/1732366/>>. acesso em: 6 maio 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA. **BDMEP: Banco de Dados Meteorológicos do INMET**. Disponível em: <https://bdmep.inmet.gov.br/>. Acesso em: 17 out. 2025.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. **IPCC: Intergovernmental Panel on Climate Change**. Geneva: IPCC. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/>. Acesso em: 17 out. 2025.

IPCC, 2023. Sumario para Formuladores de Políticas. Em: *Mudança do Clima 2023: Relatório Síntese. Contribuição dos Grupos de Trabalho I, II e III para o Sexto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima* [Equipe Principal de Redacao, H Lee e J. Romero (eds.)]. IPCC, Genebra, Suíça, pp. 1-34, doi: 10.59327/IPCC/AR6-9789291691647.001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, Ivan M.; TADDEI, Renzo R.; RAMALHO, Débora CF. Os saberes tradicionais e as mudanças climáticas, 2023. In: TORRES, P. H. C.; JACOBI, P. R.; MOMM, S. Dimensões humanas das mudanças climáticas: um diálogo Austrália-Brasil. **Diálogos socioambientais**, Vol. 06, n.º 16, 2023.

NUSDEO, Ana Maria de Oliveira; SILVA, Maria Gabriela de Paula. A proteção dos Direitos Humanos e a agenda climática: convergência e desafios, 2023. In: TORRES, P. H. C.; JACOBI, P. R.; MOMM, S. Dimensões humanas das mudanças climáticas: um diálogo Austrália-Brasil. **Diálogos socioambientais**, Vol. 06, n.º 16, 2023.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **Amazônia: encruzilhada civilizatória Tensões**
QUEVEDO, Renata Pacheco et al. Attributing the 2021 Juruá River Floods to Climate Change: Evidence, Impacts, and Adaptation in the Brazilian Amazon. **International Journal of Disaster Risk Reduction**, [s. l.], 29 maio 2025, v. 105530. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijdrr.2025.105530>. Acesso em: 8 out. 2025.

SILVA, Carlos Magno Lima Fernandes e. **Mudanças climáticas e ambientais: contextos educacionais e históricos**. Natal: Editora IFRN, 2015.

SILVA, Juniele Martins; MENDES, Estevane de Paula Pontes. Abordagem qualitativa e geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 207-221, 2013.

TEODORO, Pacelli Henrique Martins; AMORIM, Margarete Cristiane de Costa Trindade. Mudanças climáticas: algumas reflexões. **Revista Brasileira de Climatologia**, v. 3, 2008. **territoriais em curso**. Instituto para el Desarrollo Rural de Sudamérica – IPDRS / CIDES - UMSA, 2018.